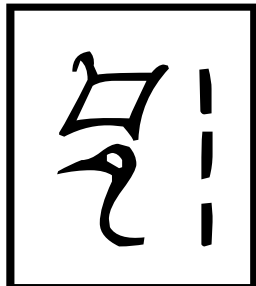
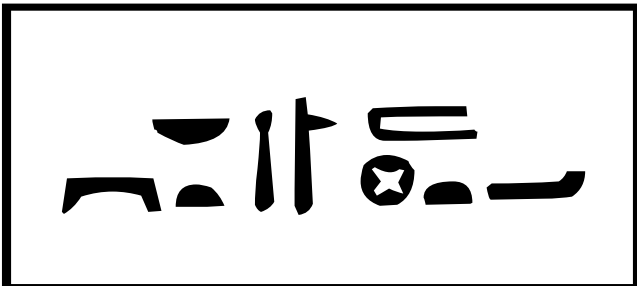
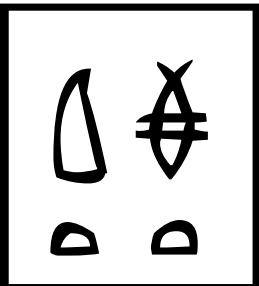
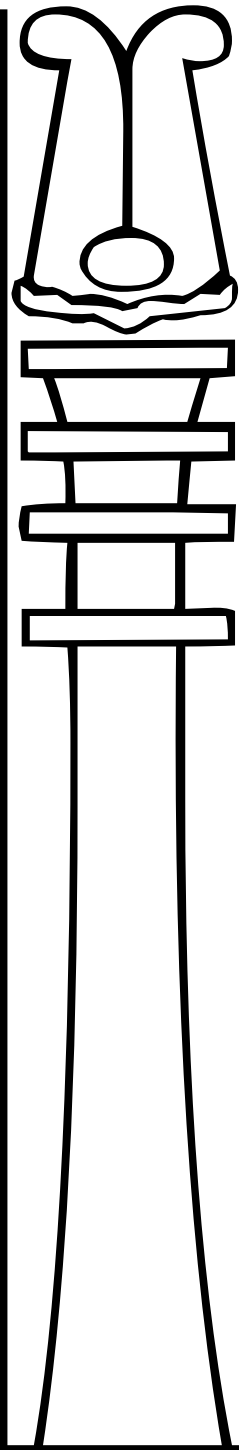


ENTUSIASMO

ENERGIZADO



ENTUSIASMO ENERGIZADO

SUB FIGURÂ
DCCCXI

Traduzido por Frater Set Rah
frater.sr@gmail.com

A última revisão desta tradução foi feita em
6 de setembro de 2018.

Hadnu

<https://www.hadnu.org>



Publicação da A.:A.:
em Classe C.

Imprimatur:
N. Fra A.:A.:

Entusiasmo Energizado

Uma Nota Sobre Teurgia

I

IAO, o Supremo dos Gnósticos, o Deus verdadeiro, é o Senhor desta obra. Portanto, vamos invocá-Lo por aquele nome que os Companheiros do Arco Real blasfemam para nos ajudar a declarar neste ensaio os meios que Ele nos concedeu!

II

Acredito que a consciência divina que é refletida e refratada nas obras de Gênios se alimenta de certa secreção. Essa secreção é análoga ao sêmen, mas não é idêntica a ele. Há poucos homens e ainda menos mulheres, essas mulheres sendo invariavelmente andróginas, que possuem essa secreção a qualquer momento e em qualquer quantidade.

Essa secreção é tão estreitamente ligada à economia sexual que às vezes me parece que pode ser um subproduto desse processo que gera sêmen. As proibições de todas as religiões demonstram que alguma forma desta doutrina foi geralmente aceita. Supõe-se que a santidade depende da castidade, e a castidade quase sempre foi interpretada como abstinência. Mas duvido que a relação seja tão simples como isso implicaria; por exemplo, eu percebo em mim mesmo que manifestações de força criativa mental sempre coincidem com alguma condição anormal das forças físicas de procriação. Mas não é o caso de que longos períodos de castidade por um lado, ou excesso de orgias por outro, sejam favoráveis à sua manifestação ou mesmo à sua formação.

Eu me conheço, e em mim ela é extremamente forte; seus resultados são surpreendentes. Por exemplo, escrevi *Tannhäuser* completamente, desde a concepção até a execução, em sessenta e sete horas consecutivas. Eu estivera inconsciente da queda das noites e dos dias, mesmo depois de parar; nem houve qualquer reação de fadiga. Esta obra foi escrita quando eu tinha vinte e quatro anos de idade, imediatamente após a conclusão de uma orgia que normalmente me esgotaria.

Tenho notado com muita frequência que a assim chamada satisfação sexual me deixou insatisfeito e sem fadiga, e soltou as inundações de versos que têm desgraçado minha carreira.

No entanto, pelo contrário, um período de castidade às vezes me fortaleceu para uma grande erupção. Isso está longe de ser invariavelmente o caso. Na conclusão da expedição ao K2, após cinco meses de castidade, não criei nenhuma obra, exceto algumas poucas letras líricas estranhas, por meses depois.

Posso mencionar o ano de 1911. Nessa época eu vivia em excelente estado de saúde, com a mulher que eu amava. A saúde dela, no entanto, variava, e ambos estávamos constantemente preocupados.

O clima estava continuamente bom e quente. Por um período de cerca de três meses, eu quase não perdi uma única manhã; sempre ao acordar eu irrompia com uma nova ideia que tinha que ser escrita.

A energia total de meu ser estava muito alta. Meu peso era de 71 kg, que havia sido meu peso ideal quando eu era dez anos mais jovem. Nós caminhávamos uns trinta e dois quilômetros diariamente pela floresta montanhosa.

A própria quantidade de manuscritos escritos nessa época é surpreendente; sua variedade é ainda mais; de sua excelência não vou falar.

Eis aqui uma lista aproximada escrita de cabeça; está longe de ser exaustiva:

- (1) Algumas dúzias de livros de instruções da A.:A., incluindo *Liber Astarte*, e *Temple of Solomon the King* para o *Equinox I* (7).
- (2) Histórias curtas: The Woodcutter.
 His Secret Sin.
- (3) Peças: His Majesty's Fiddler
 Elder Eel

 Adônis } escritos imediatamente,
 The Ghouls } um após o outro

 Mortadello.
- (4) Poemas: The Sevenfold Sacrament
 A Birthday
- (5) Fundamentos da Cabala Grega (envolvendo a coleta e análise de milhares de palavras).

Eu acho que esse fenômeno é único na história da literatura.

Posso ainda mencionar a minha segunda viagem à Argélia, onde a minha vida sexual, embora bastante ocupada, foi insatisfatória.

Ao deixar Biskra, eu estava tão cheio de ideias que tive que sair do trem em El Kantara, onde escrevi *The Scorpion*. Cinco ou seis poemas foram escritos a caminho

de Paris; *The Ordeal of Ida Pendragon* durante as minhas vinte e quatro horas de estadia em Paris, e *Snowstorm* e *The Electric Silence* imediatamente após meu regresso à Inglaterra.

Resumindo, sempre posso traçar uma conexão entre a minha condição sexual e a condição de criação artística, que é tão próxima a ponto de quase se identificar, e ainda tão solta que não posso predicar uma única proposição importante.

São estas considerações que me causam incômodo quando sou censurado pelos ignorantes com o desejo de produzir a genialidade mecanicamente. Eu posso falhar, mas meu fracasso é mil vezes melhor do que o maior sucesso deles.

Portanto, basearei minhas observações não tanto nas observações que eu mesmo fiz, e nos experimentos que realizei, mas mais nos métodos clássicos e aceitos de produzir aquele entusiasmo energizado que é a alavanca que move Deus.

III

Os gregos dizem que há três métodos de liberar a secreção genial de que falei. Talvez pensaram que seus métodos tendiam a secretá-la, mas eu não acredito nisso completamente ou sem ressalvas. Pois a manifestação da força implica força, e essa força deve ter vindo de algum lugar. É mais fácil dizer “subconsciência” e “secreção” do que postular um reservatório externo, é mais fácil estender minha conotação de “homem” do que inventar “Deus”.

No entanto, parcimônia à parte, acho que, na minha experiência, é inútil açoitar um cavalo cansado. Há momentos em que estou absolutamente desprovido até mesmo de uma gota desse elixir. Nada irá restaurá-lo, nem descansar na cama, nem drogas, nem exercícios. Por outro lado, às vezes, depois de um severo período de trabalho, quando estava caindo de fadiga física, talvez deitado no chão, cansado demais para mexer a mão ou o pé, a ocorrência de uma ideia me restaurou à perfeita intensidade de energia, e o desenvolvimento da ideia realmente me livrou da fadiga física citada, embora envolvesse uma grande força de trabalho adicional.

Exatamente paralelo (mas sem coincidir em lugar nenhum) é o caso da mania. Um louco pode lutar contra seis atletas treinados por horas e não demonstrar sinais de fadiga. Então, de repente ele desmoronará, mas um segundo depois da ideia irritável, retomará à luta tão revigorado quanto nunca. Até descobrirmos a “ação muscular inconsciente” e seus efeitos, era racional supor que tal homem fosse “possuído por um demônio”; e a diferença entre o louco e o gênio não está na quantidade, mas sim na qualidade de seu trabalho. O gênio é organizado, a loucura é caótica. Frequentemente a organização do gênio segue linhas originais, e médicos mal equilibrados e ignorantes confundem isso com desordem. O tempo mostrou que Whistler e Gauguin “mantinham regras”, assim como os mestres que eles deveriam estar perturbando.

IV

Os gregos dizem que existem três métodos de descarregar a Garrafa de Leiden do Gênio. Eles atribuem estes três métodos a três Deuses.

Estes três Deuses são Dioniso, Apolo, Afrodite. Em português: vinho, mulher e música.

Agora, seria um grande erro imaginar que os gregos estivessem recomendando uma visita a um bordel. Assim como seria condenar a Missa Solene da Igreja de St. Peter por ter testemunhado uma reunião protestante de reavivamento. A desordem é sempre uma paródia da ordem, porque não há desordem arquetípica com a qual possa se assemelhar. Owen Seaman consegue parodiar um poeta; ninguém consegue parodiar Owen Seaman. Um crítico é um pacote de impressões; não há ego por detrás dele. Todas as fotografias são essencialmente iguais; as obras de todos os bons pintores são essencialmente diferentes.

Alguns escritores supõem que nos antigos ritos de Elêusis o Sumo Sacerdote copulava publicamente com a Suma Sacerdotisa. Se assim fosse, não seria mais “indecente” do que é “blasfemo” o padre tornar o pão e o vinho no corpo e no sangue de Deus.

É verdade, os protestantes dizem que isso é uma blasfêmia; mas um protestante é alguém para quem todas as coisas sagradas são profanas, cuja mente completamente imunda não consegue ver nada no ato sexual senão um crime ou uma chacota, cujos únicos gestos faciais são o escárnio e o olhar malicioso.

O protestantismo é o excremento do pensamento humano e, de acordo, nos países protestantes a arte, se existir, existe apenas para provocar revolta. Vamos retornar desta desagradável alusão à nossa consideração dos métodos dos gregos.

V

Então concorde que não é porque o vinho, a mulher e a música fazem parte da taverna do marujo que esses ingredientes devem necessariamente produzir um caldo infernal.

Há pessoas tão simples que pensam que, quando provam que o instinto religioso é uma mera eflorescência do instinto sexual, destruíram a religião.

Devemos antes considerar que a taverna do marinheiro lhe dá apenas um vislumbre do céu, assim como a crítica destruidora dos falicistas provou apenas que o sexo é um sacramento. A consciência, diz o materialista, machado na mão, é uma função do cérebro. Ele apenas reformulou o antigo ditado: “Seus corpos são os templos do Espírito Santo”!

Agora, o sexo é santificado justamente neste sentido, de que é o fogo eterno da raça. Huxley admitiu que “alguns dos protozoários inferiores são, em certo sentido, imortais”, porque continuam reproduzindo-se eternamente por fissão e, por mais que você divida x por 2, sempre resta alguma coisa. Mas parece que ele nunca percebeu que a humanidade é imortal exatamente no mesmo sentido, e continua se reproduzindo com características semelhantes através das eras, modificada pelas circunstâncias, de fato, mas sempre idêntica em si. Mas a flor espiritual desse processo é que, no momento da secreção, ocorre um êxtase físico, um espasmo análogo ao espasmo mental que a meditação proporciona. E, além disso, no uso sacramental e cerimonial do ato sexual, a consciência divina pode ser alcançada.

VI

Sendo o ato sexual um sacramento, resta considerar em que medida isso limita o emprego dos órgãos.

Primeiro, é obviamente legítimo empregá-los para seu propósito físico natural. Mas se for permitido usá-los cerimonialmente para fins religiosos, encontraremos o ato cercado por muitas restrições.

Pois neste caso os órgãos se tornam santos. Pouco importa para a mera propagação que os homens devam ser viciosos; o depravado mais desregrado pode e quase certamente irá gerar crianças mais saudáveis do que um puritano semi-sexuado. Portanto, as chamadas restrições “morais” não se baseiam na razão; assim elas são negligenciadas.

Mas admita sua função religiosa, e pode-se imediatamente estabelecer que o ato não deve ser profanado. Não deve ser realizado levemente e tomente sem motivos.

Ele pode ser realizado com o objetivo direto de dar continuidade à raça.

Ele pode ser realizado em obediência à verdadeira paixão; pois a paixão, como o nome indica, é inspirada por uma força de poder e beleza divinos sem a vontade do indivíduo, muitas vezes até contra ela.

É o uso dessas forças, ou mesmo abuso, casual ou habitual — o que Cristo chamou de “vão” — que constitui sua profanação. Além disso, será óbvio que, se o ato em si for o sacramento em uma cerimônia religiosa, este ato deve ser realizado somente pelo amor de Deus. Todas as considerações pessoais devem ser completamente banidas. Assim como qualquer sacerdote pode realizar o milagre da transubstanciação, qualquer homem, possuindo as qualificações necessárias, pode realizar esse outro milagre, cuja natureza deve constituir o assunto de uma subseqüente discussão.

Os objetivos pessoais tendo sido destruídos, é *à fortiori* necessário negligenciar

considerações sociais e outras similares.

A força física e a beleza são necessárias e desejáveis por razões estéticas, uma vez que a atenção dos adoradores está suscetível à distração se os celebrantes forem feios, deformados ou incompetentes. Eu dificilmente preciso enfatizar a necessidade do mais estrito autocontrole e concentração por parte deles. Assim como seria blasfêmia desfrutar do gosto bruto do vinho do sacramento, o celebrante deve reprimir até mesmo a menor manifestação de prazer animal.

Dos testes de qualificação não há necessidade de falar; é suficiente dizer que os adeptos sempre souberam assegurar a eficiência.

Também é desnecessário insistir sobre uma qualidade similar nos assistentes; a excitação sexual deve ser suprimida e transformada em seu equivalente religioso.

VII

Com estas preliminares estabelecidas a fim de resguardar contra as previstas críticas dos protestantes que, Deus tendo lhes feito um pouco inferiores aos Anjos, se tornaram muito mais inferiores do que as bestas por sua interpretação consistentemente bestial de todas as coisas humanas e divinas, podemos considerar primeiramente a natureza triuna desses métodos antigos de energizar o entusiasmo.

A música tem duas partes; tom ou altura, e ritmo. A última qualidade se associa à dança, e aquela parte da dança que não é ritmo é sexo. Agora, aquela parte do sexo que não é uma forma da dança, do movimento animal, é intoxicação da alma, que a conecta ao vinho. Outras equivalências se apresentarão ao estudante.

Pelo uso dos três métodos em um, o ser inteiro da pessoa pode ser estimulado.

A música criará uma harmonia geral do cérebro, conduzindo-o em seus próprios caminhos; o vinho proporciona um estímulo geral da natureza animal; e a excitação sexual eleva a natureza moral da pessoa por sua estreita analogia com o mais elevado êxtase. No entanto, sempre lhe resta fazer a transmutação final. A menos que ele tenha a secreção especial que eu postulei, o resultado será banal.

Este sistema é tão consoante com a natureza do homem que é exatamente parodiado e profanado não apenas na taverna do marinheiro, como também nos bailes da sociedade. Aqui, para as naturezas mais baixas, o resultado é embriaguez, doença e morte; para as naturezas médias, um enfraquecimento gradual dos sentimentos mais sutis; para o mais alto, uma alegria que vale, na melhor das hipóteses, a fundação de um amor para a vida toda.

Se esses “ritos” da Sociedade forem realizados adequadamente, não haverá exaustão. Depois de um baile, deve-se sentir a necessidade de uma longa caminhada

ao jovem ar da manhã. O cansaço ou tédio, a dor de cabeça ou sonolência, são avisos da Natureza.

VIII

Ora, o propósito de tal baile, a atitude moral ao entrar, parece-me de suma importância. Se você vai com a ideia de matar o tempo, na verdade você está se matando. Baudelaire fala do primeiro período de amor, quando o menino beija as árvores da floresta, em vez de não beijar nada. Aos trinta e seis anos, encontrei-me em Pompeia beijando apaixonadamente aquela grande estátua de uma mulher que fica na avenida das tumbas. Mesmo hoje, quando acordo de manhã, às vezes beijo meus próprios braços.

É com tal sentimento que se deve ir a um baile, e com tal sentimento intensificado, purificado e exaltado, que se deve sair dele.

Se for assim, quanto mais quando se vai com o direto propósito religioso queimando em todo o seu ser! Beethoven rugindo ao nascer do sol não é um espetáculo estranho para mim, que grito com alegria e admiração, quando compreendo (sem o qual não se pode realmente dizer que vê) uma folha de grama. Eu caio de joelhos, sem palavras, em adoração à lua; eu escondo meus olhos em santa admiração a um bom Van Gogh.

Imagine então um baile no qual a música é o coro celestial, o vinho é o vinho do Graal, ou aquele do Sabá dos Adeptos, e o parceiro é o Infinito e Eterno, o Altíssimo Deus Verdadeiro e Vivo!

Vá até mesmo a um baile comum — o Moulin de la Galette servirá até mesmo para o menor dos meus magistas — com toda a sua alma em chamas dentro de você, e toda a sua vontade concentrada nessas transsubstanciações, e me conte que milagre acontece!

É o ódio e a aversão pela vida que manda alguém para o baile quando se é velho; quando somos jovens ficamos dispostos até o fim; mas o amor de Deus, que é o único amor verdadeiro, não diminui com a idade; ele cresce mais profundamente e intensamente com toda satisfação. Parece que nos homens mais nobres esta secreção aumenta constantemente — o que certamente sugere um reservatório externo — de modo que a idade perde toda a sua amargura. Encontramos o “Irmão Lawrence”, Nicolas Herman de Lorena, aos oitenta anos de idade em desfrute contínuo da união com Deus. Buda na mesma idade subiria e desceria dos Oito Trances Superiores como um acrobata numa escada; histórias não muito diferentes são contadas sobre o bispo Berkeley. Muitas pessoas não atingiram a união até a meia-idade, e então raramente a perderam.

É verdade que o gênio, no sentido comum da palavra, quase sempre se mostrou

nos jovens. Talvez devêssemos considerar casos como o de Nicholas Herman como casos de gênio adquirido.

Agora, certamente sou da opinião de que o gênio pode ser adquirido ou, alternativamente, que é uma posse quase que universal. Sua raridade pode ser atribuída à influência esmagadora de uma sociedade corrompida. É raro encontrar um jovem sem altos ideais, pensamentos generosos, um senso de santidade, de sua própria importância, que, sendo interpretado, é de sua própria identidade com Deus. Três anos no mundo, e ele se torna um bancário ou até mesmo um funcionário público. Somente aqueles que intuitivamente compreendem desde a tenra infância que devem se destacar, e que têm a incrível coragem e perseverança de fazê-lo em face de toda aquela tirania, insensibilidade e desprezo dos inferiores; somente estes chegam à maturidade sem serem contaminados.

Todo pensamento sério ou espiritual é zombado; os poetas são considerados “moles” e “covardes”, aparentemente porque são os únicos garotos com vontade própria e com coragem para resistir à toda a escola, meninos e mestres coligados como estavam Pilatos e Herodes; a honra é substituída pela conveniência, a santidade pela hipocrisia.

Mesmo onde encontramos sementes completamente boas brotando em terreno favorável, muitas vezes há uma dispersão das forças. O encorajamento superficial de um poeta ou pintor é muito pior para ele do que qualquer oposição. Aqui mais uma vez a questão do sexo (chamada de Q.S. pelos tolstoianos, pelos promotores da castidade, comedores de nozes, e por aqueles que não falam e não pensam em nada além disso) invade sua horrível cabeça. Eu acredito que todo menino originalmente está consciente do sexo como sendo sagrado. Mas ele não sabe o que o sexo é. Com infinita desconfiança ele pergunta. O mestre responde com horror sagrado; o menino com um olhar malicioso, uma risada furtiva, talvez pior.

Estou inclinado a concordar com o Diretor de Eton que as paixões pederastas entre estudantes “não causam danos”; além disso, acho que elas são a única característica redentora da vida sexual nas escolas públicas¹.

Os hindus são mais sábios. Na bem-vigiada hora da puberdade, o menino é preparado como se fosse para um sacramento; ele é conduzido a um templo devidamente consagrado, e ali por uma mulher sábia e santa, habilidosa na arte, e dedicada a esse fim, ele é iniciado com toda a solenidade no mistério da vida.

O ato é assim declarado religioso, sagrado, impessoal, totalmente separado do amorismo e erotismo e do animalismo e do sentimentalismo e de todas as outras vilezas

¹ Recentemente, algumas escolas, notavelmente Tonbridge, adotaram o casamento ritualístico entre garotos, o parceiro passivo sendo geralmente conhecido (e respeitado) como uma esposa, cujos deveres sociais normais se espera que ele realize.

que o protestantismo faz dele.

Acredito que a Igreja Católica preservou até certo ponto a tradição pagã. O casamento é um sacramento². Mas, na tentativa de privar o ato de todos os acréscimos que o profanariam, os Padres da Igreja adicionaram, a despeito deles, outros acréscimos que o profanaram mais. Eles o amarraram à propriedade e à herança. Eles desejaram que ele servisse tanto a Deus quanto a Mamom.

Justamente reprimindo o padre, que deveria empregar toda a sua energia no milagre da Missa, eles encontraram seu conselho como um conselho de perfeição. A tradição mágica em parte se perdeu; o padre não conseguia fazer o que se esperava dele, e a parte de sua energia que não foi dispendida azedou.

Por isso os pensamentos dos sacerdotes, assim como os pensamentos dos modernistas modernos, revolveram eternamente em torno da Q.S.

Uma Missa especial e Secreta, uma Missa do Espírito Santo, uma Missa do Mistério da Encarnação, a ser realizada em intervalos determinados, poderia ter salvado tanto os monges quanto as freiras, e dado à Igreja domínio eterno do mundo.

IX

Retornemos. A raridade do gênio é em grande parte devido à destruição de seus jovens. Tal como na vida física é uma planta privilegiada aquela de cujas mil sementes surge uma folha, assim também as condições matam todos exceto os mais fortes filhos do gênio.

Mas assim como os coelhos aumentaram rapidamente na Austrália, onde até mesmo um missionário ficou conhecido por gerar noventa crianças em dois anos, assim também poderemos procriar o gênio se pudermos encontrar as condições que o entram e removê-las.

O próximo passo óbvio é restaurar os ritos de Baco, Afrodite e Apolo a seu devido lugar. Eles não devem ser abertos a todos, e a adultícia deve ser a recompensa do ordálio e da iniciação.

Os testes físicos devem ser severos, e os fracos devem ser eliminados em vez de preservados artificialmente. A mesma observação se aplica a testes intelectuais. Mas tais testes devem ser o mais abrangente possíveis. Na escola eu era absolutamente incompetente em todas as formas de atletismo e jogos, porque eu os desprezava. Eu bati, e ainda detenho, vários recordes mundiais de alpinismo. Da mesma forma, os exames não conseguem testar a inteligência. Cecil Rhodes se recusava a empregar qualquer

² Claro que tem havido uma escola de ananders diabólicos que considera o ato em si como “iníquo”. De tais blasfemadores da Natureza não se pode dizer mais nenhuma palavra.

homem com diploma universitário. O fato de que tais diplomas levam à honra na Inglaterra é um sinal da decadência da Inglaterra, embora, mesmo na Inglaterra, eles sejam geralmente os pontos de partida da ociosidade clerical ou da escravidão pedagógica.

Tal é um esboço pontilhado da imagem que eu gostaria de desenhar. Se o poder de possuir propriedades dependesse da competência de um homem e de sua percepção de valores reais, uma nova aristocracia seria criada de imediato, e o fato mortal de que a consideração social varia com o poder de comprar champanhe deixaria de ser um fato. Nossa pluto-hetero-politicocracia cairia em um dia.

Mas estou ciente de que é improvável que essa imagem se concretize. Então só podemos trabalhar pacientemente e em segredo. Devemos selecionar material adequado e treiná-lo com a maior reverência nestes três métodos-mestre, ou ajudar a alma em seu genial orgasmo.

X

Essa atitude reverente é de uma importância que não posso superestimar. Pessoas normais encontram alívio normal de qualquer excitação geral ou especial no ato sexual.

Comandante Marston, da Marinha Real, cujas experiências do efeito do tom-tom sobre a mulher inglesa casada são clássicas e conclusivas, descreveu admiravelmente como a agitação vaga que ela a princípio demonstra gradualmente assume a forma sexual, e culmina, se for permitido fazê-lo, na masturbação desavergonhada ou em avanços indecentes. Mas isso é um corolário natural da proposição de que as mulheres inglesas casadas geralmente não estão familiarizadas com a satisfação sexual. Seus desejos são constantemente estimulados por maridos brutos e ignorantes, e nunca são gratificados. Este fato novamente explica a surpreendente prevalência do lesbianismo na Sociedade Londrina.

Os hindus advertem seus alunos contra os perigos dos exercícios de respiração. De fato, a menor relaxamento nos tecidos morais ou físicos pode fazer com que a energia acumulada pela prática se descarregue por emissão involuntária. Eu sei que isso acontece por experiência própria.

Então é da máxima importância perceber que o alívio da tensão deve ser encontrado naquilo que os hebreus e os gregos chamavam de profetização, e que é melhor quando é organizado em arte. A descarga desordenada é mero desperdício, uma vastidão de uivos; a descarga ordenada é um “Prometeu desamarrado”, ou um L’Âge d’airain, de acordo com as aptidões especiais da pessoa entusiasmada. Mas é preciso lembrar que as aptidões especiais são muito fáceis de adquirir se a força motriz do entusi-

asmo for grande. Se você não pode manter as regras dos outros, você cria as suas próprias regras. Um conjunto acaba por ser tão bom quanto o outro.

Henry Rousseau, o aduaneiro, foi motivo de risos a sua vida inteira. Eu ri tão calorosamente quanto o resto; embora, quase a despeito de mim mesmo, continuei dizendo (como diz a frase) “que senti algo; não sabia dizer o quê.”

No momento em que ocorreu a alguém a ideia de colocar todas as suas pinturas sozinhas em uma sala, ficou imediatamente claro que sua ingenuidade era a simplicidade de um Mestre.

Então que ninguém imagine que eu não percebo ou que eu subestimo os perigos de empregar estes métodos. A ocorrência, mesmo de uma questão tão simples quanto o cansaço, pode transformar um *Las Meninas* em uma estúpida crise sexual.

Será necessário para a maioria dos ingleses imitar o autocontrole dos árabes e hindus, cujo ideal é deflorar o maior número possível de virgens — oitenta é considerado um bom desempenho — sem completar o ato.

De fato, é da máxima importância que o celebrante de qualquer rito fálico seja capaz de completar o ato sem sequer uma vez permitir que um pensamento sexual ou sensual invada sua mente. A mente deve ser tão absolutamente separada do próprio corpo assim como é do de outra pessoa.

XI

Poucos instrumentos musicais são adequados. A voz humana é o melhor, e o único que pode ser utilmente empregado em coro. Qualquer coisa como uma orquestra implica em infinitos ensaios e introduz uma atmosfera de artificialidade. O órgão é um instrumento solo valioso, e é uma orquestra em si, uma vez que seu tom e associações favorecem a ideia religiosa.

O violino é o mais útil de todos, pois todo o seu humor expressa a fome pelo infinito e, no entanto, é tão móvel que tem um alcance emocional maior do que qualquer um de seus concorrentes. O acompanhamento deve ser dispensado, a menos que um harpista esteja disponível.

O harmônio é um instrumento horrível, mesmo que só por causa de suas associações; e o piano é semelhante a ele, embora, se não fosse visto e fosse tocado por um Paderewski, serviria.

A trombeta e o sino são excelentes, para alarmar, no clímax de uma cerimônia.

Quente, tamborado, apaixonado, em uma classe diferente de cerimônia, uma classe mais intensa e direta, mas em geral menos exaltada, o tom-tom não tem igual

Ele combina bem com a prática de mantras e é o melhor acompanhamento para qualquer dança sagrada.

XII

Das danças sagradas, a mais prática para uma reunião é a dança sentada. Senta-se de pernas cruzadas no chão e balança-se para lá e para cá a partir dos quadris no ritmo do mantra. Um espetáculo com um dançarino solo ou um dueto seria distrativo neste exercício. Sugiro uma luz muito pequena e muito brilhante no chão no meio da sala. Tal sala é melhor pavimentada com mármore de mosaico; um tapete comum de Loja Maçônica não seria mau.

Então os olhos, se enxergarem alguma coisa, veem apenas os quadrados rítmicos ou mecânicos levando em perspectiva à simples e incessante luz.

O balanço do corpo com o mantra (que tem o hábito de subir e descer como se por si só de uma maneira muito estranha) torna-se mais acentuado; finalmente, um estágio curiosamente espasmódico ocorre, e então a consciência tremula e se vai; talvez penetre na consciência divina, talvez meramente só se retire para si por alguma variável na impressão externa.

Esta é uma descrição muito simples de uma forma muito simples e sincera de cerimônia, baseada inteiramente no ritmo.

Ela é muito fácil de ser preparar, e seus resultados geralmente são muito encorajadores para o iniciante.

XIII

O vinho sendo uma bebida escarnecedora e forte, é mais provável que seu uso leve a problemas do que a mera música.

Uma dificuldade essencial é a dosagem. É preciso exatamente o suficiente; e, como aponta Blake, só se pode saber quanto é o suficiente tomando demais. Para cada pessoa a dose varia enormemente; isso também acontece com a mesma pessoa em ocasiões diferentes.

A solução cerimonial é ter um assistente silencioso para carregar a taça de libação, e apresentá-la a um de cada vez, em intervalos frequentes. Pequenas doses devem ser bebidas, e a taça deve ser passada, conforme o adorador julgar aconselhável. No entanto, o portador da taça deve ser um iniciado, e ser criterioso antes de apresentar a taça. Ao menor sinal de que a intoxicação está dominando uma pessoa, ele deve pular a mesma. Esta prática pode facilmente ser ajustada à cerimônia descrita anteriormente.

Se desejado, em vez de vinho, o elixir que eu introduzi na Europa³ pode ser empregado. Mas seus resultados, se usados desta maneira, ainda não foram completamente estudados. Meu propósito imediato é reparar essa negligência.

XIV

A excitação sexual, que deve completar a harmonia do método, oferece um problema mais difícil.

É excepcionalmente desejável que os próprios movimentos corporais envolvidos sejam decorosos no sentido mais elevado, e muitas pessoas são tão mal treinadas que não serão capazes de considerar tal cerimônia sem olhos críticos ou lascivos; e qualquer um destes seria fatal para todo o bem que já foi feito. Presumivelmente é melhor esperar até que todos os presentes estejam grandemente exaltados antes de arriscar uma profanação.

Não é desejável, na minha opinião, que os adoradores comuns celebrem em público.

O sacrifício deveria ser único.

Se ou não...

XV

Eu havia escrito até aqui, quando o ilustre poeta, cuja conversa sobre os Mistérios comigo me incitara a anotar essas poucas notas rudimentares, bateu à minha porta. Eu disse a ele que estava trabalhando nas ideias que ele sugeriu e que — bem, eu estava um tanto empacado. Ele pediu permissão para dar uma olhada no manuscrito (pois ele lê inglês fluentemente, apesar de falar apenas algumas palavras), e tendo feito isso, se animou e disse: “Se você vier comigo agora, terminaremos o seu ensaio”. Contente o suficiente com qualquer desculpa para parar de trabalhar, quanto mais plausível melhor, apressei-me a pegar o casaco e o chapéu.

“A propósito,” ele observou no automóvel, “eu entendo que você não se importaria em me dar a Palavra de Rose Croix”. Surpreso, eu troquei os segredos de I.N.R.I. com ele. “E agora, mui excelente e perfeito Príncipe”, disse ele, “o que se segue está sob este selo”. E ele me deu a mais solene de todos os sinais maçônicos. “Você está prestes”, disse ele, “a comparar o seu ideal com o nosso real.”

Ele tocou uma campainha. O automóvel parou, e nós descemos. Ele dispensou

³ *Anhalonium lewinii*. A preparação fisiologicamente padronizada (Parke, Davis and Co.) de *Cannabis indica* também é excelente, se for administrada por mãos experientes.

o motorista. “Venha”, disse ele, “temos uns oitocentos metros para caminhar.” Atravessamos bosques fechados até uma casa antiga, onde fomos recebidos em silêncio por um cavaleiro que, apesar de vestir um traje de corte, portava uma espada bem “praticável”. Ao satisfazê-lo, fomos conduzidos por um corredor até uma antessala, onde outro guardião armado nos aguardava. Ele, depois de mais um exame, me ofereceu um traje de corte, a insígnia de um Soberano Príncipe da Rose Croix, e uma cinta e um manto, o primeiro de seda verde, o segundo de veludo verde, e forrado com seda cor de cereja. “É uma missa baixa”, sussurrou o guardião. Nesta antessala havia três ou quatro outras pessoas, senhoras e senhores, ocupados vestindo robes.

Em um terceiro cômodo, encontramos formada uma procissão, e nos juntamos a ela. Havia ao todo vinte e seis de nós. Passando por um guardião final, chegamos à capela em si, em cuja entrada havia um jovem e uma jovem, ambos vestidos com vestes simples de seda branca bordada com dourado, vermelho e azul. O primeiro carregava uma tocha de madeira resinosa, a segunda, quando passamos, nos aspergiu com uma fragrância de rosas a partir de uma taça.

A sala em que estávamos agora já fora uma capela; assim sua forma declarava. Mas o altar-mor estava coberto com um pano que exibia a Rosa e a Cruz, enquanto acima pendiam sete candelabros, cada um com sete braços.

Os bancos foram mantidos; e na mão de cada cavaleiro ardia uma vela cor de rosa e, um buquê de rosas estava à sua frente.

No centro da nave havia uma grande cruz — uma “cruz do calvário de dez quadrados”, medindo mais ou menos dois metros por um metro e meio — pintada de vermelho sobre uma plataforma branca, em cuja borda havia anéis através dos quais passavam aduelas douradas. Em cada canto havia um estandarte, tendo um leão, touro, águia e homem, e do alto de suas aduelas havia um teto azul, onde figuravam em ouro os doze emblemas do Zodíaco.

Cavaleiros e Damas tendo se instalado, de repente um sino tilintou na arquitrave. Todos se levantaram imediatamente. As portas se abriram ao toque de uma trombeta vindo de fora, e um arauto avançou, seguido pelo Sumo Sacerdote e pela Suma Sacerdotisa.

O Sumo Sacerdote era um homem de quase sessenta anos, se é que posso julgar pela barba branca; mas ele andava com o passo elástico e ainda seguro dos trinta. A Suma Sacerdotisa, uma mulher orgulhosa e sombria de talvez trinta verões, caminhava ao seu lado, suas mãos levantadas e se tocando como no minueto. As caudas de seus trajes eram carregadas pelos dois jovens que haviam nos admitido.

Tudo isso enquanto um órgão invisível tocava uma Introit.

Ela cessou quando eles tomaram seus lugares no altar. Eles se voltaram para o

Oeste, aguardando.

Ao fechar as portas, o guarda armado, que estava vestido com um robe escarlate em vez de verde, sacou a espada e subiu e desceu pelo corredor, cantando exorcismos e brandindo a grande espada. Todos os presentes desembainharam suas espadas e se voltaram para fora, segurando as pontas em sua frente. Essa parte da cerimônia parecia interminável. Quando acabou, a garota e o garoto reapareceram; carregando um uma taça, o outro um incensário. Cantando alguma litania ou outra, aparentemente em grego, apesar de eu não conseguir captar as palavras, purificaram e consagraram a capela.

Agora o Sumo Sacerdote e a Suma Sacerdotisa começaram uma litania em linhas rítmicas de igual duração. A cada terceira resposta, tocavam as mãos de maneira peculiar; a cada sétima eles se beijavam. A vigésimo primeira foi um abraço completo. O sino tilintou na arquitrave; e eles se separaram. Então o Sumo Sacerdote tirou do altar um frasco curiosamente moldado para imitar um falo. A Suma Sacerdotisa ajoelhou-se e apresentou uma taça de ouro em forma de bote. Ele se ajoelhou do lado oposto a ela, e não derramou do frasco.

Agora os Cavaleiros e Damas iniciaram uma longa litania; primeiro uma Dama em agudo, depois um Cavaleiro em grave, depois uma resposta em coro de todos os presentes com o órgão. O Refrão era:

EVOE HO, IACCHE! EPELTHON, EPELTHON, EVOE, IAO!

De novo e de novo, subia e descia. Porto do fim, seja por “efeito cênico” ou não, eu não podia ter certeza, a luz sobre o altar ficou rosada, depois roxa. O Sumo Sacerdote bruscamente e subitamente levantou a mão; houve silêncio instantâneo.

Agora ele derramou o vinho do frasco. A Suma Sacerdotisa entregou-o à auxiliar, e ela o segurou diante de todos os presentes.

Este não era um vinho comum. Dizem que a vodca parece água e tem gosto de fogo. Com este vinho, o caso é inverso. Era de um rico ouro ardente no qual chamas de luz dançavam e tremiam, mas seu gosto era límpido e puro como água fresca da nascente. Mal bebi e comecei a tremer. Foi uma sensação muito surpreendente; eu consigo imaginar um homem se sentindo assim enquanto espera seu executor, quando ele passou do medo, e só sente entusiasmo.

Olhei para as pessoas no meu banco, e vi que cada uma delas foi afetada de maneira semelhante. Durante a libação a Suma Sacerdotisa cantou um hino, novamente em grego. Desta vez eu reconheci as palavras; eram de uma antiga Ode a Afrodite.

O auxiliar agora desceu à cruz vermelha, inclinou-se e a beijou; então ele dançou sobre ela de tal modo que parecia estar traçando os padrões de uma maravilhosa

rosa de ouro, pois a percussão fez com que uma chuva de pó brilhante caísse do teto. Enquanto isso, a litania (palavras diferentes, mas o mesmo refrão) recomeçou. Desta vez foi um dueto entre o Sumo Sacerdote e a Suma Sacerdotisa. Em cada refrão, os Cavaleiros e as Damas curvavam-se. A garota se movia continuamente e a taça passava.

Isso terminou com a exaustão do garoto, que caiu desmaiado sobre a cruz. A garota imediatamente pegou a taça e colocou em seus lábios. Então ela o levantou e, com a ajuda do Guardião do Santuário, o conduziu para fora da capela.

O sino novamente tilintou na arquitrave.

O arauto soprou uma fanfarra.

O Sumo Sacerdote e a Suma Sacerdotisa se moveram majestosamente em direção um ao outro e se abraçaram, ao mesmo tempo soltando as pesadas vestes douradas que usavam. Estas caíram, lagos gêmeos de ouro. Eu a vi agora vestida com uma roupa de seda ondeada branca, toda forrada (como apareceu mais tarde) com pele de arminho.

A vestimenta do Sumo Sacerdote era um bordado elaborado de todas as cores, harmonizadas por uma arte requintada e robusta. Ele também usava um peitoral correspondente ao do teto; uma “besta” esculpida em cada canto em ouro, enquanto os doze signos do Zodíaco eram simbolizados pelas pedras do peitoral.

O sino tilintou novamente, e o arauto novamente tocou sua trombeta. Os celebrantes moveram-se de mãos dadas pela nave enquanto o órgão trovejava suas solenes harmonias.

Todos os Cavaleiros e Damas se levantaram e deram o sinal secreto da Rose Croix.

Foi nessa parte da cerimônia que começaram a acontecer coisas comigo. Subitamente percebi que meu corpo havia perdido peso e sensibilidade tátil. Minha consciência parecia não estar mais no meu corpo. Eu “me confundi”, se é que posso usar a frase, com uma das estrelas no teto.

Dessa forma, perdi de ver os celebrantes se aproximando da cruz. O sino tocou novamente; voltei a mim mesmo e vi que a Suma Sacerdotisa, parada aos pés da cruz, havia jogado o robe sobre ela, de modo que a cruz não estava mais visível. Havia apenas uma plataforma coberta com pele de arminho. Agora ela estava nua, exceto por sua tiara colorida e cheia de joias, e pelo pesado colar de ouro em seu pescoço, e os braceletes e tornozeleiras que combinavam com ela. Ela começou a cantar em uma língua suave e estranha, tão baixa e suave que, devido à minha perplexidade parcial não pude ouvir tudo; mas entendi algumas palavras, Io Paiã! Io Pã! e uma frase em que as pala-

vas Iao Sabao terminavam enfaticamente com uma sentença da qual entendi as palavras Eros, Thelema e Sebazo.

Enquanto ela fazia isso, ela soltou o peitoral e o entregou à auxiliar. O robe seguiu; vi que eles estavam nus e desavergonhados. Pela primeira vez houve silêncio absoluto.

Agora, de uma centena de jatos em volta da plataforma, jorrou uma fumaça roxa e perfumada. O mundo estava envolto em uma gaze de névoa, sagrada como as nuvens sobre as montanhas.

Então, por um sinal dado pelo Sumo Sacerdote, o sino tilintou mais uma vez. Os celebrantes estenderam os braços na forma de uma cruz, entrelaçando seus dedos. Lentamente eles giraram em três círculos e meio. Então ela o deitou na cruz e tomou seu próprio lugar designado.

O órgão agora novamente lançou sua música solene.

Eu estava completamente perdido. Só via isso, que os celebrantes não fizeram nenhum movimento esperado. Os movimentos eram extremamente pequenos e ainda assim extremamente fortes.

Isso deve ter continuado por um longo período. Para mim, parecia que a própria eternidade não poderia conter a variedade e a profundidade de minhas experiências. Nem língua e nem caneta poderiam registrá-los; e ainda assim sou feliz em tentar o impossível.

1. Eu era, certamente e sem dúvida, a estrela no teto. Essa estrela era um mundo incompreensivelmente enorme de pura chama.

2. De repente, percebi que a estrela não tinha tamanho algum. Não é que a estrela encolheu, mas ela (= eu) se tornou subitamente consciente do espaço infinito.

3. Uma explosão ocorreu. Eu era, em consequência, um ponto de luz, infinitamente pequeno, mas infinitamente brilhante, e esse ponto era *sem posição*.

4. Consequentemente, este ponto era onipresente, e havia um sentimento de perplexidade infinita, cegado depois de muito tempo por uma onda de êxtase infinito (eu uso a palavra “cegado” como se estivesse sob restrição; eu deveria ter preferido usar as palavras “apagado” ou “sobrepujado” ou “iluminado”).

5. Essa plenitude infinita — eu não a descrevi como tal, mas era isso — de repente se transformou em um sentimento de vazio infinito, que se tornou consciente como um anseio.

6. Esses dois sentimentos começaram a se alternar, sempre de forma súbita e

sem se sobrepor, com grande rapidez.

7. Essa alternância deve ter ocorrido cinquenta vezes — eu diria cem.

8. Os dois sentimentos de repente se tornaram um. Novamente, a palavra explosão é a única que dá alguma ideia disso.

9. Eu agora parecia estar consciente de tudo de uma só vez, que era ao mesmo tempo *um* e *muitos*. Eu digo “de uma só vez”, isto é, eu não fui sucessivamente todas as coisas, mas instantaneamente.

10. Este ser, se é que posso chamá-lo de ser, parecia cair em um infinito abismo de Nada.

11. Enquanto esta “queda” durou, o sino de repente tilintou três vezes. Eu imediatamente me tornei o meu self normal, mas com uma consciência constante, que nunca me deixou até mesmo agora, que a verdade da questão não é este “eu” normal, mas “Aquilo” que ainda está caindo no Nada. Fui assegurado por aqueles que sabem que posso continuar de onde parei se eu assistir a outra cerimônia.

O tilintar morreu. A auxiliar correu rapidamente para a frente e dobrou a pele de arminho sobre os celebrantes. O arauto soprou uma fanfarra e os Cavaleiros e as Damas saíram de seus bancos. Avançando para a plataforma, pegamos as varas douradas de transporte e seguimos o arauto em procissão para fora da capela, carregando a liteira até uma pequena capela lateral que dava para a antessala do meio, onde a deixamos, o guarda fechando as portas.

Em silêncio, nos despimos dos robes e saímos da casa. Cerca de um quilômetro e meio depois da mata, encontramos o automóvel do meu amigo esperando.

Perguntei-lhe, se isso fosse uma missa baixa, não seria permitido que eu testemunhasse uma Missa Solene?

“Talvez”, respondeu ele com um sorriso curioso, “se tudo o que eles dizem de você for verdade.”

Enquanto isso, ele permitiu que eu descrevesse a cerimônia e seus resultados tão fielmente quanto eu fosse capaz, exigindo apenas que eu não desse nenhuma indicação quanto à cidade perto da qual ela aconteceu.

Estou disposto a indicar aos iniciados do grau de Rose Croix da Maçonaria, sob a devida patente de autoridades genuínas (pois há Maçons espúrios trabalhando sob uma patente forjada), o endereço de uma pessoa disposta a considerar sua aptidão para se afiliar a um Capítulo que pratica ritos similares.

XVI

Considero supérfluo continuar meu ensaio sobre os Mistérios e minha análise do *Entusiasmo Energizado*.

Notas desta Tradução

Entusiasmo Energizado foi escrito por Aleister Crowley e publicado nas páginas 17 a 46 do *The Equinox* Vol. I N° 9, em março de 1913.

Em *The Equinox* Vol. I No. 10 não há uma entrada classificando o texto e nem um resumo de seu conteúdo, no entanto, é explicado o do número 811:

“DCCCXI. O número de IAO em grego.”

Também encontramos a seguinte nota associada a *Liber IAO sub figurâ XVII*, uma instrução da A∴A∴ que nunca foi publicada:

Liber XVII. Liber IAO. Dá três métodos de consecução através de uma série deliberada de pensamentos. Este livro não foi publicado. É a forma ativa de Liber HHH. O artigo “Entusiasmo Energizado” é um esboço deste livro.

Em março de 1919, no *The Equinox* Vol. III N° 1 (Equinócio Azul), encontramos a seguinte entrada como parte da Bibliografia da A∴A∴ para o Grau de Neófito:

Liber DCCCXI. Entusiasmo Energizado. Este curso é especialmente adaptado à Tarefa deste Grau, a Consecução do Controle do Corpo de Luz, o desenvolvimento da Intuição, etc.

E esta entrada para o Grau de Zelator:

Liber DCCCXI. Entusiasmo Energizado. Este curso é especialmente adaptado à Tarefa deste Grau, a Consecução do Haṭha Yoga.

Encontramos também esta nota sobre *Entusiasmo Energizado* no Editorial de *The Equinox* Vol. I N° 10:

Surgiu uma circunstância de interesse excepcional sobre o artigo do N° 9, *Entusiasmo Energizado*. Na época o autor não estava familiarizado com a literatura daqueles gnósticos que foram os primeiros e os únicos Cristãos verdadeiros. No entanto, em *Fragments of a Faith Forgotten* encontramos a seguinte passagem:

“Após o banquete eles mantêm o santo festival que dura a noite inteira. E é assim que ele é realizado. Eles todos ficam de pé em um grupo, e pela metade do entretenimento eles primeiro se separam em dois grupos, homens de um lado e mulheres do outro. E um líder é escolhido para cada um, o condutor cuja reputação é a maior e que é o mais apto para a posição. Então eles cantam hinos feitos em honra de Deus em muitos ritmos e melodias, às vezes cantando em coro, às vezes um grupo fazendo percussão para o canto de resposta ao canto do outro, (agora) dançando à sua música, (agora) o inspirando, num momento em hino processionais, em outro mantendo canções, tornando e retornando

à dança.

“Então quando cada grupo terminou de banquetear (ou seja, cantou e dançou) à parte, bebendo do (néctar) que agrada a Deus, assim como nos ritos de Baco os homens bebiam o vinho não-misturado, então eles se juntam, e um coro é formado pelos dois grupos, imitando o coro unido nas margens do Mar Vermelho, por causa dos maravilhosos trabalhos que foram ali efetuados. Pois o mar, ao comando de Deus, se tornou para um grupo uma causa de segurança, e para outro uma causa de ruína.

[Fílon aqui se refere à lendária dança de triunfo dos Israelitas na ocasião da destruição do Faraó e seu exército, quando Moisés conduziu os homens e Miriã as mulheres em uma dança em comum; mas os Terapeutas⁴ em todo o mundo não conseguiriam traçar o costume a este mito.]

“Assim o coro de homens e de mulheres Terapeutas, sendo formado o mais próximo possível deste modelo, por meio de melodias em partes e harmonia — as notas altas das mulheres respondendo aos tons graves dos homens — produz uma sinfonia harmoniosa e da mais musical. As ideias são das mais belas, as expressões são das mais belas, e os dançarinos reverentes; em quanto o objetivo das ideias, expressões e danças é piedade.

“Assim bêbados até a luz da manhã com esta embriaguez aceitável, sem a cabeça pesada ou sonolência, mas com os olhos e o corpo mais renovados do que quando começou o banquete, eles tomam suas posições ao alvorecer, quando, observando o sol que se levanta, eles levantam suas mãos aos céus, orando pela luz do sol e pela verdade e pela avidez por visão espiritual. Após esta oração, cada um retorna a seu próprio santuário, ao seu fluxo costumeiro de filosofia e labor em seus campos.

“Até aqui discutiu-se os Terapeutas, que são devotados à contemplação da natureza e vivem nela e na alma sozinhos, cidadãos dos céus e do mundo, legitimamente recomendados ao Pai e Criador do Universo por sua virtude, que lhes fornece Seu amor, virtude que propõe como prêmio a recompensa mais adequada de nobreza e benevolência, superando qualquer presente da fortuna, e o primeiro da raça ao próprio objetivo da bem-aventurança.”

Imediatamente se perceberá a impressionante semelhança disto com o relato do ritual derivado das considerações *a priori*.

A presente tradução foi feita com base em um fac-símile do texto original de *The Equinox*, Vol. I Nos. 1-10 (originalmente publicados de 1909 a 1913), publicado em dois volumes pela Samuel Weiser em 1998.

⁴ Nota do tradutor: aqui Terapeuta se refere a uma antiga seita monástica judaica, e não a psicólogos e outros profissionais modernos que recebem esta denominação.

Algumas fontes sugerem que *Entusiasmo Energizado* é uma publicação em Classe C, no entanto, não encontramos a fonte de tal atribuição.

Duas notas escritas à mão por Crowley em sua cópia pessoal do *The Equinox* Vol. I No. 9 foram incorporadas à presente tradução.